

“O que está na ruas é político, portanto tomemos parte das ações” Uma análise das inscrições urbanas em Pelotas.

MARIANA BRAOIO¹; ELISABETE LEAL²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – maaricavalcantti@hotmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – elisabeteleal@ymail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Esta presente comunicação tem como objetivo reunir as informações coletadas até o presente momento para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso Bacharelado em História e explanar sobre os temas já pré-concebidos sobre tal pesquisa. No decorrer do processo acadêmico surgiram vários interesses diferenciados, mas por uma questão pessoal se optou por pesquisar o surgimento e o decorrer do grafite e da pixação em Pelotas, além de elucidar os questionamentos em torno da problematização dos padrões de arte que são impostos por uma sociedade julgadora. Se faz necessária e quase emergencial tal análise por diversos fatores, são eles: a premência em alargar os campos relacionados a imagem; a incidência de trabalhos relacionados com a arte, no caso o grafite e a pixação, também no campo histórico. Dentre tal problematização vemos uma significativa pesquisa sobre tais aspectos, mas não na área de História propriamente dita, precisamos com isso, retomar os aparatos sociais em giro e estudá-los a fundo. Como detentora de um papel de historiadora notifico que o tema proposto pode ser interpretado, analisado de diferentes vertentes sejam sociais, políticas, artísticas ou econômicas. Portanto, as fontes teóricas utilizadas no anseio do trabalho acompanham o ritmo do grafite e da pixação e são plurais e multifacetadas. Se optou ademais pelo o uso da história oral, apoiada sempre em demais fontes, para o entendimento a fundo dessa prática e de como ela se coloca na sociedade, por entender que tais práticas são propagadas por atuantes sociais. Estas inscrições urbanas ainda carregam um teor preconceituoso e ignorante nos discursos das mídias e de algumas pessoas. Pretendo também empenhar-me para que os estudos obtidos em tal pesquisa, avancem no caminho academicista e adentre no imaginário da comunidade que participa mesmo que indiretamente todos os dias com essas inscrições urbanas, para que se possível o conhecimento alcançado seja alargado para fora dos muros das universidades e penetre os muros das casas e dos estabelecimentos de Pelotas. Sabemos que tal tarefa não será fácil de ser conquistada, mas acreditamos que com determinados posicionamentos sociais estaremos cada vez mais perto de obter o desejado. Me atento do discurso de um grafiteiro, do qual desconhecemos o rosto, pois o mesmo decidiu preservar o seu anonimato. Bankys nos diz:

“Imagine uma cidade em que o grafite não é ilegal, uma cidade em que qualquer um pode desenhar onde quiser. Onde cada rua seja inundada de milhões de cores e frases curtas. Onde esperar no ponto de ônibus não seja uma coisa chata. Uma cidade que pareça uma festa para qual todos foram convidados, não apenas as autoridades e os figurões dos grandes empreendimentos. Imagine uma cidade como essa e não encoste na parede - a tinta está fresca.” (BANKSY,2011)

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada no trabalho pretende acompanhar os ritmos impostos pelo grafite e pela pixação, ou seja cavar e tecer linhas de conexões para se possível procurar entender como essa prática surgiu em Pelotas e compreender tal necessidade do ser humano de se comunicar através de códigos em diferentes suportes. No campo da história oral me auxilio do autor Portelli para explanar a importância da prática no campo do saber e da memória:

“A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito - assim como a sociologia e a antropologia - a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (...) A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato da História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja a memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais.” (PORTELLI, p.15 1997)

Para isso serão utilizados métodos elencados na história oral, com o cruzamento de diferentes fontes teóricas, como por exemplo uma tese de teoria criminal, por captar que essa prática ainda é mal vista e portanto crime ambiental, segundo o decreto de lei 9605/98 do artigo 95, que configura como ilícita qualquer prática nos muros da cidade.

Por uma negligência de trabalhos relacionados à Pelotas, propriamente dita, a primeira parte do trabalho consiste em coletar fontes que trazem a prática do grafite como tema, em diferentes locais do Brasil e do mundo, para alargar o conhecimento sobre o assunto. Depois no decorrer a segunda parte da pesquisa localizamos atuantes nessa prática, alguns grafiteiros renomados e dos pixadores com mais inscrições na cidade, para ajudar a compor o corpo da pesquisa, através de entrevistas filmadas (em conjunto com o curso de Cinema - Audiovisual da UFPEL). Em meio, a esse processo de trabalho e auxiliada por métodos de pesquisas, participamos de diferentes espaços auxiliares para o entendimento e o acolhimento maior da prática do grafite. Por exemplo, o mini-curso ministrado no IV Encontro de História, Imagem e Cultura Visual, organizado pela ANPUH - RS com significativa assessoria da Professora Elisabete Leal, orientadora e colaboradora conjunta do projeto. Também tenho feito observações em festas e rodas de conversas que partiam de pressupostos do tema, para alargar ainda mais as redes de conhecimento da prática do grafite. Feito essas coleções de informações, por fim, pretendemos reuni-las e compor o trabalho de conclusão de curso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os resultados alcançados até o presente momento foram elencados alguns dos aspectos usuais da pesquisa e da obtenção da mesma no tópico acima. Portanto, irei explanar mais sobre os resultados alcançados no mini-curso, do qual tivemos a ilustre oportunidade de participar. O mesmo foi ministrado por mim, em conjunto com um mestrando da área de antropologia, Fabricio Barreto e a Professora Marie Lucie, do campo das artes visuais, compondo assim diferentes visões sobre o determinado tema, possibilitando o alargamento do debate. O minicurso se dividiu em duas partes, sendo a primeira uma parte teórica auxiliada por uma roda de conversa com a participação de grafiteiros de Pelotas, como o Felipe Povo e o Hector Dias. Nessa primeira experiência pudemos salientar diferentes pontos, como por exemplo, a questão da arte propriamente

dita, com questionamentos pertinentes: Quem a dita? Quem escolhe as peças de um museu? Grafite nas ruas é arte? Passando por questões financeiras dos atuantes das práticas, tentando traçar em quais diferentes camadas sociais os mesmos se encontram e por fim, tocando em pontos que foram surgindo a partir dos debates em torno da ética que permeia o grafite para com os próprios ativos ou a ressignificação das ruínas encontradas, em um bairro específico de Pelotas, o Porto, por se tratar de uma área com uma constância de fábricas e casas abandonadas, retomando no imaginário popular a antiga “glória” pelotense. Aproveitando essa deixa do debate trazido no primeiro momento, o segundo foi justamente realizar um “grafitei-tuor” no bairro do Porto, na tentativa de “treinarmos” nosso olhar para as práticas urbanas existentes e estar cada vez mais familiarizados com tais inscrições.



Figura1: Foto de Fabrício Barreto no “grafitei-tuor” em Pelotas.

As obtenções conquistadas tanto pelo debate em sala, quanto pelo passeio foram de extrema significância para a continuidade da pesquisa, notificando a importância e a urgência de se estudar tais fenômenos da urbe.

4. CONCLUSÕES

A inovação proposta pelo projeto de TCC, como apontado nos demais tópicos, é dada pelo olhar sensível e urgente para as práticas urbanas. Nós seres humanos, temos a necessidade longilínea de se comunicar uns aos outros, deixando marcas da nossa existência em suportes de diferentes tipos. Os grafiteiros ou pixadores com suas tintas e disposições detém a tarefa de transformar a nossa visão, a nossa convivência com a urbe, tornando possível talvez uma significância maior do espaço em que coexistimos e nos fazendo repensar muitas vezes a noção de propriedade. Pretendemos com esse trabalho auxiliar o processo de transformação do pensamento e do conhecimento para com tais práticas, no teor acadêmico ou não, para uma maior aceitação dos conhecimentos obtidos com os atuantes urbanos do grafite.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na**

História Oral. Proj. História, São Paulo, (15). abr 1997.

BANKSY, B. **Wall and Piece**, Germany: Century, 2005

- MARINHO, F. e HONORATO, G. **Grafite: Da marginalidade às galerias de arte**, Paraná: Faculdade de Artes do Paraná Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008-2009.
- BROWN, W. **Critical Hip-Hop Graffiti Pedagogy in a Primary School**, Los Angeles: Loyola Marymount University, 2015.
- AUBERIVE, A. **Graffiti Stories**, França: Musée International des Arts Modestes, 2007.
- RONCOLATO, M. **Pixadores, grafiteiros e diretor do documentário ‘Cidade cinza’ opinam sobre a relação entre manifestações de arte urbana, sociedade e poder público**
. In: RONCOLATO, M. **Grafite, pixo e arte: tintas de cultura e subversão na cidade**. 3 ed. São paulo: Nexo, jan, 2017
- BOLETA, B. (org). **TTSS...A grande arte da pixação em São Paulo, Brasil**, São paulo: Editora do Bispo, 2011
- SANTOS, P. **Escritas urbanas: um estudo sobre pixação e o graffiti na cidade de João Pessoa - PB**, João Pessoa: Dissertação Mestrado em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2012.
- EGGER, W. **Color Revolution! Street art and ProtestKultur**, Alemanha: Rahmenprogramm Augsburger Hohes Friedensfest, 2013.
- TÉOFILO, M. e PEREIRA, V. **Grafite como linguagem: apontamentos teóricos e metodológicos de estudo sobre as interferências do espaço da cidade na manifestação do grafite**, Boa vista: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, Universidade Federal do Amazonas, UFAM, jun, 2011.
- CRUZ, E. **Grafite como prática de letramento: O muro e seus escritos**, Salvador: Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2014.
- PEREIRA, A. **Graffiti: práticas, estilos e estéticas de uma identidade cultural**, Lisboa: CIES IUL, Centro de Investigação e de estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, jun, 2006.